

AS DIFICULDADES, O PERIGO E MORTE NO MAR: AS REPRESENTAÇÕES DOS POETAS (SÉCULOS VIII ao VI a.C)

Camila Alves Jourdan

RESUMO

O artigo consiste na análise de obras de poetas do período arcaico helênico, procurando elucidar as representações construídas pelos helênicos acerca do mar e da navegação, principalmente ao que se referem aos perigos, as dificuldades e a morte no meio marinho. Assim, utilizaremos o conceito de “representações sociais” (Denise Jodelet) e a metodologia de “grades de leitura” (François Frontisi-Ducroux) para realizar nossa análise. Enveredamos, também, pela temática da noção *métis*, esta como meio de “solução” dos problemas encontrados pelos navegantes (*nautai*).

PALAVRAS-CHAVE

Navegação; poesia; morte; *métis*

RESUME

Dans cet article, nous faisons une analyse des œuvres de poètes de la période archaïque grecque. Nous chercherons les représentations construites par les Hellènes sur la mer et la navigation, particulièrement en ce qui concerne les dangers, les difficultés et la mort en mer. Donc, nous utilisons le concept de “représentations sociale” (Denise Jodelet) et la méthodologie de “grilles de lecture” (François-Frontisi Ducroux) pour réaliser notre analyse. Nous discuterons également de la question de la notion de *métis*, cette comme un moyen de “solution” des problèmes rencontrés pour les marins (*nautai*).

MOTS-CLES

Navigation - Poésie - la mort - *métis*

Fronteiras entre passado e presente, entre diferentes passados, entre a objetividade distante do estudioso e o engajamento apaixonado do militante, distância enfim, em cada um de nós, entre suas lembranças e sua presença para si mesmo.

Jean-Pierre Vernant, 2009.

Segundo Neyde Thelm, em *O público e o privado na Grécia do VIIIº ao IVº século a.C.: o modelo ateniense*, é no alvorecer do século VIIIº a.C. que se desenvolve na Grécia uma nova forma de organização social: o políade. Nesta sociedade, que se transforma e se reorganiza, os valores e ideais difundidos pautavam-se, em grande medida, nas percepções que tinham as famílias aristocráticas. Assim, no caso ateniense, por exemplo, a política no período arcaico era controlada pelos *génoi*, ou seja, a aristocracia das diversas regiões da Ática fomentava esta esfera de atuação do homem.

Enquanto que o campo e a agricultura são exaltados nestes discursos, o mar e a navegação são representados pelos poetas do período arcaico como o lugar do perigo iminente e local de aquisição do lucro, isto é, com características ambivalentes.

Assim, neste artigo, nos deteremos nos inúmeros perigos expostos por esses autores, relacionando-os com a noção *métis* (ardil/astúcia). Esta representa – dentre outras possibilidades – as habilidades necessárias para a superação das agruras que se desenvolvem no mar e na prática da navegação.

Para tanto, buscando compreender as construções destas representações e sua circulação, faremos uso do conceito de “representações sociais” delineado por Denise Jodelet.

Deste modo, as *representações* se encontram circulando nos discursos, seja através de palavras em mensagem ou de iconografias de grande circulação social, no qual pode-se notar uma cristalização da conduta dos indivíduos e sua organização material. A partir desta noção buscamos entender um mundo repleto de significações que fazem parte do cotidiano, nos seus diversos elementos, como os valores, imagens, opiniões e crenças.

Em nossa pesquisa, compreendemos as *representações sociais* como meio de simbolização de uma dada realidade, no qual atribui-se significados e interpretações. Isto é, tal conceito nos permite visualizar dois segmentos: a circulação que os discursos dos poetas alcançavam e as representações que eles construíam acerca de determinada temática.

Devemos, antes de nos atermos as passagens que iremos utilizar neste artigo, abordar a questão do discurso e dos poetas. Afinal que vozes eram estas?

As obras que faremos usos são produções de poetas do século VIII e VI a.C., ou seja, ideias e valores que estão circulando no Período Arcaico. Dentre os autores destacamos Homero, Hesíodo, Arquíloco, Semônides e Sólon. Suas obras possuem características diferentes umas das outras, uma vez que Homero apresenta a poesia épica (MOSSÉ, 2004) e que Sólon, por exemplo, produz elegias e poemas iâmbicos (ADRADOS, 1990).

Os discursos feitos por estes poetas representam ideais da elite, logo, afirmam ideias que possuem um significado elitista nas diversas temáticas que abordam ao longo de suas obras. Não obstante, os valores que são apresentados sobre o mar e a navegação partem destes pressupostos sociais.

Assim, o mar e a navegação são desprestigiados em relação a terra e a agricultura. O navegante, de igual modo, é rechaçado quando comparado ao grande proprietário de terra, que usufrui do ócio. São diversas as *representações sociais* feitas pelos poetas que circulam na sociedade ateniense, bem como em outras *póleis*.

Deste modo, o mar é representado como algo inconstante, no sentido de possuir diversas qualificações. Não há, portanto, agregação de valor positivo ou valor negativo somente, sendo um ou outro. O mar é um e outro, no mesmo momento. Enquanto o lucro pode ser extraído através da navegação deste mar, o mesmo pode matar o indivíduo.

Segundo Ana Livia Bomfim Vieira as representações sobre o mar podem ser compreendidas como *ambivalentes*. Isto significa dizer que os poetas empregaram valores positivos e negativos. As construções das representações que circulavam no imaginário social *políade* acerca do mar e da navegação permeavam a intrínseca relação da busca em compreender o “funcionamento” do mar e dos valores que a elite social prestigiava como sendo as mais honrosas.

Como argumenta a supracitada autora, o conceito de ambivalência – concebido por Marc Augé – pode ser aplicado ao mar, uma vez que compreende em:

ser bom e mau, honrado e vergonhoso ao mesmo tempo, tudo isso ligando-se a uma diversidade de pontos de vista. É a coexistência de duas qualidades. (VIEIRA, 2008: 10).

Como podemos ver na documentação textual, é nesta base de múltiplas representações que os poetas gregos do período arcaico pautam suas representações, tanto sobre o mar quanto sobre a navegação, bem como os *nautai*.

Para este artigo, elegemos algumas passagens de obras de poetas dos séculos VIII e VI a.C., como Homero, Hesíodo, Arquíloco, Semônides e Sólon.

Ciro Cardoso, em *Narrativa, sentido, história*, apresenta os documentos escritos como códigos culturais, nos quais ficariam implícitos atributos da sociedade que os produziram. Com isto, podemos utilizar a documentação textual para compreender os valores e ideias que circulavam em determinados grupos sócio-políticos. De todo modo, como afirmado por Marc Bloch em *Apologia da História*, cabe ao historiador não ser passivo: ele deve perceber os intentos da construção de dada obra, notando seu sentido escrito e sua intencionalidade, além dos objetivos daqueles que construíram o documento.

Portanto, utilizamos como metodologia de análise o modelo de “grades de leitura” de Françoise Frontisi-Ducroux. Esta consiste na isolação de termos referentes ao objeto de estudo, em nosso caso selecionamos como “tema” o mar e a navegação. Para cada ocorrência o contexto nos fornecerá, de acordo com a autora, dois tipos de dados: O primeiro consiste no significado do termo, o seu emprego e os sentidos utilizados; o segundo refere-se a valores que são associados ao termo e que comungam do mesmo âmbito de representações (FRONTISI-DUCROUX, 1975).

Ao optarmos pela utilização deste método, buscamos ir além de uma simples análise das temáticas que perpassam nossa pesquisa, com este método podemos estender nosso olhar sobre o verso, à frase ou mesmo à passagem inteira na qual a referência analisada está

presente, fazendo com que tenhamos um olhar mais amplo sobre as ideias presentes nas obras.

Tomamos como pressuposto a ideia de que “O ponto de partida não é nem um conceito nem uma só palavra.” (VIEIRA, 2005: 17), mas o conjunto que permeia o entorno dos temas elencados.

Passamos, então, à análise das passagens por nós selecionadas. A primeira consiste na obra homérica *Odisséia*.

Em seu canto I, Homero expõe uma “síntese” das problemáticas enfrentadas por Odisseu. Entre seus apontamentos está o mar, local de sofrimentos para Odisseu. Neste caso, o tema é o mar e a atribuição feita é de ser um local de sofrimento.

No mar, inúmeras dores feriram-lhe o coração, empenhado em salvar a vida e garantir o regresso dos companheiros. (I, VV. 3-5)

Outra passagem acerca da periculosidade do mar pode ser vista nos versos 11 e 12 do mesmo canto:

Os outros, todos os que tinham escapado da tenebrosa ruína, estavam em casa, salvos da guerra e do mar. (I, VV. 11-12)

Nesta passagem, a periculosidade do mar é comparada ao da própria guerra, no caso entende-se a ‘Guerra de Tróia’. Assim, aqueles que conseguiram regressar desta guerra estavam salvaguardados dos perigos que a guerra e o mar possuíam. O mar é posto como tão terrível quanto a guerra.

No canto III da *Odisséia*, Homero narra o momento em que Nestor expõe a Telêmaco as notícias sobre os sobreviventes do regresso de Troia. Esta passagem refere-se a Idomeneu, de Creta. Nesta, o mar e a navegação são evidenciadas como local e prática perigosas.

O mar não lhe roubou nenhum (III,v. 192)

Com a mesma ideia de periculosidade, Homero aborda, na passagem abaixo descrita, o retorno de Menelau, segundo as palavras de Nestor. Apresentando o traçado usado por Menelau, Nestor expõe a navegação como algo que infere perigo constante aos navegadores, passando por caminhos tortuosos e constância da possibilidade de ocorrer acidentes.

O mar/ amontoa líquidos montes, curvados como dorsos/ de monstros. Naves dispersas batem em Creta (III, VV. 289-291)

Na passagem, contada por Homero, em que o arauto Médon conta à Penélope sobre a empreitada de Telêmaco e a armadilha preparada pelos pretendentes, visando findar com a vida de seu filho, a morte no mar é apresentada como o esquecimento, uma morte sem honra:

Os cavalos marítimos/ arrastam para as profundezas do mar. Não lhe/ restará nem a lembrança do nome. (IV, VV. 708-710)

Por fim, dentre as passagens que elencamos na obra de Homero, destacamos a que mostra o mar e seus malefícios. Nesta passagem, Laodamas – filho do rei Alcínoo – convida Odisseu a participar dos eventos esportivos. Elogia o porte físico do herói, mas considera que as dificuldades enfrentadas no mar poderiam ferir violentamente um homem e com isso tê-lo enfraquecido. Isto nos evidencia o quão mal poderia fazer o mar a um homem.

Males há muitos, mas mal algum supera os males/ do mar. Carcomem o homem, mesmo que forte (VIII, VV. 138-139)

Centrando-nos na obra de Hesíodo *Os Trabalhos e os dias*, destacamos duas passagens, uma que se refere a navegação e outra ao mar. Na primeira, Hesíodo inicia sua abordagem à temática da navegação. Sua caracterização inicial contrapõe as atribuições feitas anteriormente à agricultura, pois a navegação apresenta-se como ameaçadora. É, assim, atribuída a representação de periculosidade.

perigosa navegação (v. 618)

Na segunda passagem elencada por nós, o mar traz a morte sem glória. Com isto, Hesíodo alerta sobre a navegação no período da primavera, apontando que este não é um período propício aos sensatos, já que se arrisca a própria vida nesta navegação. A navegação não vale a vida do indivíduo. Com isto, morrer torna-se um risco constante. Morrer desta forma não é algo válido, honroso ao homem.

E é horrível morrer entre as ondas. (V. 687)

A partir dos fragmentos que dispomos do poeta Arquíloco, destacamos os versos 5 e 6, no qual a morte no mar significa a ausência de rituais fúnebres. Deste modo, não seria possível conceder as honras fúnebres aos mortos no mar. Posídon ocultaria a dor aos parentes, já que não poderiam ver os corpos sendo queimados na “chama de Hefestos”.

Se Hefesto tivesse envolvido em seu vestido a cabeça e os membros dele. Oculta os dolorosos presentes o Senhor Poseidon. (VV. 5-6)

De igual maneira, selecionamos uma única passagem do poeta Semônides. O autor aponta que o mar é local de morte.

Outros perecem no mar sob o ataque da tempestade e de inúmeras ondas do ponto espumante quando eles não podem continuar a viver. (2, VV.15-19)

Nesta, Semônides aborda a questão da morte como algo inevitável pelos mortais. Com isto, passa a descrever a morte no mar. A morte cabe aos mortais, contrariamente o que acontece aos deuses. No mar, a morte dos navegantes provém das dificuldades que enfrentam cotidianamente.

A última passagem pela qual optamos remete-se ao poeta e legislador Sólon. Ao refletir acerca das dificuldades pela qual passava a *pólis* dos atenienses, o autor utiliza de uma metáfora e usa as dificuldades da navegação para comparar aos problemas enfrentados pela cidade.

Dentro de meu coração há uma grande dor ao ver a mais antiga terra da Jônia que naufraga (...) (4, VV. 40-42)

Assim, ao falar da crise que assola a cidade (*stásis*) e da falta de *eunomia*, Sólon faz uma alusão à questão da navegação. Como um barco que naufraga, assim é a metáfora utilizada pelo autor para abordar a crise ateniense.

Selecionamos algumas das passagens em que estes autores abordam o tema da navegação e do mar. Nelas podemos ver que as “representações sociais” que perpassavam o imaginário social apresentavam o reconhecimento das dificuldades pelas quais os navegantes passavam. Muitos eram os perigos enfrentados nos “domínios de Poseidon”.

Dentre as obras apresentadas, iremos nos centrar na questão da morte no mar. Este é, sem dúvida, um dos principais perigos enfrentados pelos *nautai* na prática da navegação. Sendo assim, Jean-Pierre Vernant afirma que, para os gregos, a “idéia que a morte é um limiar intransponível, atrás do qual se encontra um mundo que é um mundo de horror, de anonimato, um magma onde todos se perdem” (VERNANT, 2009).

A morte para os gregos está presente na “vida da *polis*”, isto é, a prática de cuidar dos túmulos, rendeu-lhes honras fúnebres, a existência de dias de festivais dedicados aos mortos, ao ponto de ser uma preocupação de ordem econômica para os legisladores da cidade. (BURKERT, 1993: 376-379) . Dentro da ideologia elitista, a morte tem papel relevante, uma vez que, de acordo com Walter Burkert, “A veneração dada aos antepassados é esperada também dos descendentes: da recordação dos mortos cresce a vontade de continuidade.” (BURKERT, 1993: 380).

Os rituais fúnebres fazem parte da vida social tanto do morto quanto dos vivos. Claude Mossé nos informa que nos rituais o morto “durante um dia ou dois ficava exposto na entrada da casa, enquanto as mulheres de sua parentela choravam e entoavam um canto fúnebre, o treno, arrancando-se os cabelos. O cadáver era então colocado em um carro e um cortejo o

seguia de sua casa ao cemitério, geralmente à noite. O corpo era enterrado ou cremado” (MOSSÉ, 2004: 250).

Morrer adquire um status paradoxal: implica na morte do indivíduo, a sua “viagem para o esquecimento”, mas a lembrança constante feita pelos vivos, seja pelo canto dos poetas, seja pelo memorial funerário. Era fundamental, assim, que a singularidade da existência do indivíduo, de seus feitos do que havia sido, permanecessem inscritos para sempre na memória dos homens (VERNANT, 2009: 86).

Mas, e a morte no mar e a ausência do corpo?

Podemos ver, a partir da documentação que analisamos, que essa morte marinha se coloca como o oposto da morte com seus rituais. O corpo se “perdeu” entre as ondas do mar, foi danificado, não pode receber as honras fúnebres. Não é a “bela morte” de um guerreiro em batalha – morte tão valorizada nos discursos –, mas a ausência do indivíduo, no qual o corpo se decompõe no mar.

A morte no mar representa o “ultraje ao cadáver”, ou seja, o tratamento que se quer infligir aos inimigos mortos para que não se tornem memoráveis, para os deixar apodrecer” (VERNANT, 2009: 91). Não é somente o corpo, mas o esquecimento que o indivíduo terá na memória dos vivos.

Os rituais fúnebres marcam a *mnemosyne* – Memória –, guardam a lembrança e a mantém viva. Como destacamos na passagem da obra homérica, a morte no mar pode representar o esquecimento: “Os cavalos marítimos arrastam para as profundezas do mar. Não lhe restará nem a lembrança do nome” (*Odisséia*, IV, vv. 708-710).

Neste sentido, a navegação ficaria, minimamente, mal quista socialmente por dois motivos: primeiro porque a navegação não é um *erga digno* do cidadão *políade*; em segundo lugar, a morte marinha é a morte desonrada, sem a glória.

A morte não é uma obrigatoriedade àqueles que navegam, mas uma possibilidade cotidianamente presente. Não somente a morte, mas de todos os perigos, como as mudanças climáticas e as mudanças das correntes, e das agruras de caráter mítico, como as sereias que encurralam com suas vozes e seus saberes os navegantes incautos.

O mar é o lugar ambivalente, das rápidas mudanças, da inconstância. Neste meio inóspito, os *nautai* precisam do conhecimento, dos saberes pertinentes a navegação. No entanto, não só os saberes seriam capazes de salvaguardá-los, seria preciso ter a habilidade do pensamento, do ardil, da astúcia. A esse conjunto de saberes práticos os gregos nomearam de *métis*.

A noção *métis* nos conduz à uma pluralidade de possíveis traduções e compreensões. Presente na documentação desde o período arcaico, a semântica da palavra se mantém estável do transcorrer do tempo, mesmo que nos apresente tal pluralidade de concepções. A noção pode ser compreendida como ardil, astúcia, uma inteligência prática capaz de agir diante de uma dificuldade prevendo até mesmo a resposta a sua ação.

Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant definem *métis* como o uso de uma inteligência ardilosa, onde as habilidades como a agência do espírito frente ao desconhecido ou a um ato

inesperado, a sagacidade, o senso de oportunidade e a esperteza são utilizados. A *métis* não pode ser compreendida como um impulso “leviano”, ao contrário, é um planejamento rápido, da ação do tempo de um relâmpago, que ao mesmo tempo é paciente o suficiente para esperar a hora certa da ação.

Destarte, como ressalta a autora Ana Livia Bomfim Vieira,

Um homem possuidor da *métis* tem uma sabedoria que é variada e que lhe permite um grande leque de recursos, de desembaraços para as situações críticas ou para o melhor exercício de um ofício. (VIEIRA, 2008)

Nada mais evidente do que pensarmos nesta noção para os navegantes, indivíduos que convivem com as necessidades de agir rapidamente perante o desconhecido perigo. Desta maneira, a *métis* do navegante se faz necessária para que ele possa se aperceber das inúmeras situações que lhe são configuradas no meio marítimo. A astúcia e o ardil lhe capacitavam para dominar e atuar efetivamente no meio marinho. Assim, a *métis* torna-se uma “arma” para a superação dos medos, dos perigos e das dificuldades tão presentes no mar e na prática da navegação.

Acreditamos que, mesmo com a circulação de ideias e valores nos discursos da elite, a população afirmou-se na atuação direta com o mar, buscando compreendê-lo e dominá-lo. E, para isto, o uso da *métis* tornou-se importante.

Mesmo sendo um lugar onde o perigo era constante, os atenienses se colocaram à navegação, desenvolveram seus conhecimentos, dominaram suas técnicas. O mar, lugar inóspito e, segundo os discursos da elite, o lugar mal visto socialmente, foi representado durante um longo tempo, isto é, foram construídas representações sociais sobre o meio marinho.

Acreditamos que, mesmo com os valores da elite social sendo exaltados e apresentados por estes e outros poetas, a população mais pobre tornou este mar o seu lugar de atuação e fez da navegação a sua forma de sobrevivência. Ainda que a circulação de valores permeasse a população, onde o grande proprietário de terra era exaltado, não era algo determinante nesta organização social. Os *nautai* eram tão necessários quanto aqueles homens que permaneciam na terra.

“Eles se fizeram homens do mar” (VIEIRA, 2005: 75) – desde a construção das representações até o exercício de dominação –. Em nosso parecer, esta é a base da relação entre os atenienses e o mar. Como nos expõe Ana Livia Bomfim Vieira, os atenienses *construíram* uma relação com o mar. Buscaram aprender sobre ele, imprimiram-lhe diversos sentidos e explicações, divinizaram este mar como morada de diversas divindades, o rejeitaram pelas inúmeras agruras que podia causar.

Esta relação de proximidade e distanciamento, isto é, uma relação ambivalente, de representações diversas, permitiu aos atenienses construir uma marinha de guerra

suficientemente poderosa que, no século V a.C., seria capaz de empreender uma dominação no mar Egeu – a política *thalassocrática*.

BIBLIOGRAFIA

Documentação Textual:

ARQUÍLOCO IN: *Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C)*. 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

HÉSIODE. *Les Travaux et les jours*. Texte établi et traduit Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993

HESÍODO. *Trabalhos e dias*. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005

HOMERO. *Odisséia: Telemaquia*. Tradução, introdução e análise de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.)

HOMERO. *Odisséia: Regresso*. Tradução, introdução e análise de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007

HOMERO. *Odisséia: Ítaca*. Tradução, introdução e análise de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.)

SEMONIDES IN: *Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C)*. 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

SOLON IN: *Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C)*. 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

Bibliografia de referência:

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício do historiador*. [TRAD.] André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BURKERT, Walter. *Religião Grega na época Clássica e Arcaica*. [TRAD.] M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CARDOSO, Ciro S.F. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papyrus, 1997.

CORVISIER, J.N. *Les Grecs et la Mer*. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis: as astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008.

FRONTISI-DUCROUX, F. *Dédale ou la Mythologie de l'Artisan*. Paris: François Maspero, 1975.

JODELLET, Denise. "Representações sociais: um domínio em expansão" IN *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. [TRAD.] Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.171.

VERNANT, Jean-Pierre. *A travessia de fronteiras: Entre mito e política II*. [TRAD.] Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. *Os Pescadores Atenienses: A Métis da Ambivalência na Atenas do Período Clássico*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2005.

_____ “Entre a ‘métis’ da pesca e a honra da caça.” IN *PHOÏNIX-Laboratório de História Antiga/ UFRJ*. Ano XIV. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

THEML, Neyde. *O Público e o Privado na Grécia do Século VIII ao VI a.C.: o Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1988.